



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Departamento de História
Curso de Licenciatura em História

WIRLANNY EVELYN OLIVEIRA BARROS

VASOS, CUIAS, PANELAS E POTES:

Os grupos ceramistas Tupiguarani na Mata Atlântica, Ipojuca - Pernambuco.

RECIFE

2023

WIRLANNY EVELYN OLIVEIRA BARROS

VASOS, CUIAS, PANELAS E POTES:

Os grupos ceramistas Tupiguarani na Mata Atlântica, Ipojuca - Pernambuco.

Artigo produzido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE como exigência para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Suely Cristina Albuquerque de Luna.

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia do Nascimento Oliveira.

RECIFE

2023

VASOS, CUIAS, PANELAS E POTES:

Os grupos ceramistas Tupiguarani na Mata Atlântica, Ipojuca - Pernambuco.

Artigo produzido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE como exigência para obtenção do título de Licenciatura em História.

Aprovado em, 24 de Abril de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Suely Cristina Albuquerque de Luna
Diretora do Curso de Licenciatura em História da Universidade
Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Profª. Dra. Caroline Borges
Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em História da
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Prof. Mestre Rodrigo Ibson da Silva Oliveira
Doutorando em História Social da Cultura Regional pela
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE.

*Dedico à minha mãe **Maria**, e ao meu pai **Wellington**, que sempre estiveram presentes me apoiando nessa jornada.*

AGRADECIMENTOS

Com imensa emoção, dedico este momento para expressar meu profundo agradecimento a todas as pessoas que foram fundamentais em minha jornada de conclusão do curso.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus queridos pais, Wellington Barros e Maria José de Oliveira, e aos meus avós maternos, José Gonçalves de Oliveira (*in memoriam*) e Hilda do Carmo Soares, bem como à minha querida bisavó materna, Maria do Carmo Soares “vozinha” (*in memoriam*). Não posso deixar de mencionar minha tia Maria do Socorro "titia", que sempre esteve ao meu lado como uma segunda mãe.

Agradeço também aos meus irmãos, Anny e Vinícius, por estarem ao meu lado durante essa jornada desafiadora.

Aos meus primos Júlio e Júlia, que são como irmãos para mim, expresso minha gratidão. Nossa conexão especial de companheirismo e amor foram combustíveis para eu continuar essa jornada.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha companheira, Lhaislla Cavalcanti. Seu apoio incondicional, encorajamento incansável e compreensão profunda foram pilares fundamentais na minha jornada acadêmica.

Quero expressar minha profunda gratidão aos meus amigos Jonas Melo, Maryanne Freitas, Edilson Bernardo, Mário Emmanuel e Jaime Guimarães. Nossa amizade transcende os limites dos estudos e se tornou uma fonte de apoio mútuo, parceria e alegria ao longo de toda a minha jornada acadêmica. Juntos, compartilhamos momentos inesquecíveis, desde os projetos desafiadores, conversas animadas no Restaurante Universitário até as viagens ao Vale do Catimbau, todos esses momentos fortaleceram ainda mais nossos laços de amizade.

Aos meus amigos do ensino médio, Clécia Pereira e Jivaldo Ferreira, agradeço por nossa amizade duradoura e por estarem sempre presentes em minha vida. Seu apoio emocional e encorajamento foram essenciais para me manter motivada e focada em meus objetivos.

À Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), expresso minha profunda gratidão. Agradeço a todos os funcionários da nossa querida “Ruralinda” por seu trabalho árduo e dedicação em proporcionar um ambiente acadêmico enriquecedor.

Aos meus professores, sou imensamente grata pelo conhecimento construído, pela orientação cuidadosa e pelo incentivo constante. Em especial, agradeço às minhas professoras orientadoras, Ana Nascimento e Suely Luna, por seu comprometimento, generosidade,

parceria e confiança em meu potencial. Seus ensinamentos foram fundamentais para meu desenvolvimento e levarei com carinho por toda vida.

Ao NEPARQ (Núcleo de Ensino e Pesquisas Arqueológicas), pela oportunidade valiosa de aprendizado e crescimento na área que tanto me encanta. E aos colegas que pude conhecer através da arqueologia.

Aos demais amigos, colegas de turma e todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para minha jornada acadêmica, gostaria de expressar minha profunda gratidão.

Por fim, reconheço que conquistas como esta não são alcançadas sozinhas. Cada pessoa mencionada e todas aquelas que não foram citadas individualmente tiveram um papel importante em minha jornada. Seja por meio de suas palavras de incentivo, orientações, amizade ou simplesmente pelo fato de estarem ao meu lado durante essa trajetória, sou imensamente grata.

A todos vocês, expresso minha profunda gratidão. Sem o apoio, encorajamento e contribuição de cada um, eu não teria alcançado este momento de conclusão do curso.

Muito obrigada!

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 A EXPANSÃO TUPI GUARANI E A SUA TRADIÇÃO CERÂMICA	08
3 OCUPAÇÃO TUPIGUARANI NO LITORAL SÉCULO XVI: NOTAS ETNO-HISTÓRICAS E EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS	17
4 OS CERAMISTAS TUPIGUARANI EM IPOJUCA-PE	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6 REFERÊNCIAS	33
7 ANEXOS	40

VASOS, CUIAS, PANELAS E POTES:

Os grupos ceramistas Tupiguarani na Mata Atlântica, Ipojuca - Pernambuco.¹

VASES, COURDS, PANS AND POTS:

The Tupiguarani ceramist groups in the Atlantic Forest, Ipojuca - Pernambuco.

Wirlanny Evelyn Oliveira Barros²

Suely Cristina Albuquerque de Luna³

Ana Lúcia do Nascimento Oliveira⁴

RESUMO

O presente trabalho busca através dos materiais evidenciados pelo “Programa de Salvamento Arqueológico na área da Refinaria do Nordeste – Abreu e Lima, resgatar a presença dos grupos Tupiguarani na história da região que compreende o atual município de Ipojuca em Pernambuco. Tais vestígios arqueológicos pertencentes à Tradição Tupiguarani demonstram a riqueza cultural dos grupos humanos que ali habitaram em diferentes períodos, estabelecendo critérios importantes para a discussão sobre a história da ocupação humana na área de pesquisa.

Palavras-chave: Cerâmica Tupiguarani; Zona da Mata pernambucana; Sítios Pré-históricos e Multicomponenciais.

ABSTRACT

The present work seeks, through the materials evidenced by the "Archaeological Salvage Program in the area of the Northeast Refinery - Abreu e Lima," to rescue the presence of the Tupiguarani groups in the history of the region that comprises the current municipality of Ipojuca in Pernambuco. Such archaeological traces belonging to the Tupiguarani Tradition demonstrate the cultural richness of the human groups that inhabited there in different periods, establishing important criteria for the discussion about the history of human occupation in the research area.

Keywords: Tupiguarani Ceramics; Pernambuco Zona da Mata; Prehistoric and Multicomponent Sites.

¹Esse trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisas realizadas durante toda a graduação e participação nas ações de Educação Patrimonial vivenciadas pelo projeto “Expondo Cultura: Patrimônio arqueológico de Pernambuco”, fruto do “Programa de Salvamento Arqueológico na Área da Refinaria do Nordeste–Abreu e Lima”, através do Núcleo de Ensino e Pesquisa Arqueológica (NEPARQ), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

²Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - E-mail: eveoliveira3@gmail.com

³ Professora-orientadora, Doutora em História, Docente do Curso de Licenciatura em História na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - E-mail: suely.luna@ufrpe.br

⁴Professora-coorientadora Doutora em História. Docente do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) - E-mail: ananascimentoufrpe@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

“Alguns mitos indígenas dizem que o território situado entre o que é hoje o Planalto Central e a região amazônica guarda a memória do começo do mundo [...]. Esse povo ficou conhecido como “dos antigos Tupy”[...] Foi pelos cursos d’água que eles adentraram o planalto brasileiro.” Kaká Werá Jecupé (2020, p.66).

Toda sociedade possui o conhecimento de um conjunto de procedimentos técnicos empregados nas atividades de elaboração de objetos, utilizados nas suas representações e no cotidiano (CHARTIER,1990). No trabalho de reconstituição dessas formas de vida, cada vestígio, seja cerâmico e lítico, possuem características que podem definir um perfil tecnológico empregado nos procedimentos de manufatura dos utilitários. Esse conhecimento técnico é um dos elementos diferenciadores que permite identificar um grupo étnico, pois cada grupo desenvolve habilidades diferentes para suas atividades (LUNA; NASCIMENTO, 1994; LUNA, 2003; LUNA, 2006).

Os sítios dos grupos ceramistas Tupiguarani são numerosos no Nordeste brasileiro, mas ainda pouco estudados. Em Pernambuco, esses sítios são identificados em regiões litorâneas e também em áreas mais afastadas da costa, principalmente em planaltos e serras (LUNA, 1991). Pesquisas realizadas por Albuquerque (1984), Luna (1991) e Lima (2006) destacaram a ocupação de grupos ceramistas em sítios arqueológicos localizados na Zona da Mata de Pernambuco, no qual a cerâmica é o principal artefato encontrado. E suas peças apresentam formas variadas, tais como urnas funerárias, pratos, tigelas, potes, panelas, vasos, entre outras (LUNA, 1991).

Inicialmente, este estudo apresentará um panorama de teorias que buscam, nas fontes etno-históricas, linguísticas e arqueológicas, explicar os pontos de origem das famílias Tupi e Guarani e suas rotas de movimentação pelo território geográfico brasileiro. Em seguida, pretende-se realizar uma reflexão entre a narrativa seiscentista e as fontes arqueológicas. Para isso, este estudo recorrerá aos documentos históricos mais importantes dos séculos XVI e às pesquisas arqueológicas realizadas, que identificaram sítios arqueológicos relacionados aos povos ceramistas em Pernambuco, buscando uma interpretação sobre padrões de povoamento, economia e produção cerâmica tão presentes na cultura desses povos.

Na parte final, este trabalho apresentará os sítios arqueológicos e a diversidade significativa de vestígios da cultura material deixados pela passagem dos grupos humanos que se estabeleceram na região que compreende o atual município de Ipojuca-PE antes do

contato europeu. Além disso, busca-se levantar considerações com relação à localização e distribuição dos sítios, os tipos de materiais encontrados relacionados à presença desses grupos, como a cerâmica e o lítico, e a possível existência de áreas identificadas como aldeias indígenas.

2 A EXPANSÃO TUPI GUARANI E A SUA TRADIÇÃO CERÂMICA

Em princípio, entende-se aqui por tradição Tupiguarani⁵ a tradição ceramista que possui correlações entre as evidências arqueológicas e os falantes de línguas Tupi e Guarani ao longo de quase todo território brasileiro, considerando as correlações entre a Etnohistórica e as evidências arqueológicas, segundo o que foi proposto pelo PRONAPA (1969).

Segundo Brochado (1973), a cerâmica da tradição Tupiguarani, durante os primeiros contatos com os europeus, era encontrada exclusivamente entre grupos indígenas da família linguística Tupi-guarani, embora nem todos os falantes de Tupi ou Guarani possuíssem cerâmica. Essa tradição continuou sendo produzida e utilizada por alguns desses grupos, apresentando diversas variantes, do século XVI ao início do século XX. Por essa razão, adotou-se a designação Tupiguarani, escrita sem hífen, para distinguir a tradição cerâmica da família linguística, cuja denominação é escrita com hífen, Tupi-guarani (BROCHADO, 1973, p. 9).

Os Tupi-Guarani são considerados como uma das famílias linguísticas mais importantes do Brasil, sendo caracterizados por uma grande dispersão geográfica, que se estende desde a região amazônica, no norte do país, até a região da Pampa, no sul" (LADEIRA, 2012, p. 25). A dispersão dos grupos Tupi e Guarani pelo território brasileiro foi um processo complexo e gradual, que envolveu tanto movimentos migratórios como processos de interação e intercâmbio cultural entre os diferentes grupos" (RODRIGUES, 2006, p. 62). A sua dispersão pelo território brasileiro foi um fenômeno que se deu ao longo de milhares de anos, e que resultou na formação de uma grande diversidade de grupos culturais, cada um com suas próprias tradições e características particulares" (SILVA, 2010, p. 87).

⁵ A tradição Tupiguarani foi atribuída a sítios superficiais com cerâmica apresentando pintura policroma (vermelho e ou preto sobre engobo branco ou vermelho), e técnicas plásticas de acabamento preponderando o alisado, o corrugado, o ungulado, escovado, além de superfícies apenas engobadas. Seriam característicos ainda enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida, tembetás, lascas, talhadores e abrasadores (CHMYS, 1976; SOUZA, 1997; PRONAPA, 1969; BROCHADO, 1981). E a denominação escrita separada por hífen por Tupi-guarani para designar a família linguística (BROCHADO, 1973).

Para explicar a origem e os caminhos percorridos pelos grupos Tupi-Guarani, inúmeros foram os esforços realizados por pesquisadores de diferentes correntes teórico-metodológicas, sejam elas fundamentadas em dados históricos, etnográficos, arqueológicos ou linguísticos. As primeiras pesquisas que datam do final do XIX apoiavam-se em dados históricos e etnográficos e dessa maneira dirigiram-se até o início do século XX. Quando a partir de meados da década de 1970, estudos arqueológicos associados a discussões linguísticas ganharam espaço nas discussões (AMARAL, 2015).

Baseado nos apontamentos dos cronistas e viajantes seiscentistas e setecentistas, que indicavam uma maior densidade populacional Tupi-guarani na bacia platina do que na costa brasileira e adjacências, o médico, botânico e antropólogo Karl F. P. Von Martius, em sua obra "O estado de direito dos autóctones do Brasil", foi o primeiro autor a tentar explicar o possível centro de origem das migrações dos grupos da família linguística Tupi-guarani. Em sua hipótese as migrações teriam sido recentes na área do Amazonas localizada próxima aos rios Paraguai e Paraná, e teriam seguido em direção ao sul e posteriormente em direção ao norte da costa brasileira (SOUZA, 2009, p.30).

Em seguida, outros autores contribuíram com o debate acerca de outros possíveis centros de sua origem. A exemplo do naturalista francês D'Orbigny (1839), defendia que a gênese dos Tupi-guarani provinha da região entre o Paraguai e o Brasil. Já em (1886) o médico, antropólogo e etnólogo Karl Von Den Stein, indicava às cabeceiras do rio Xingú, ao passo que o também etnólogo Paul Ehrenreich (1891), considerava que as regiões do médio Paraná, Alto Paraguai e Bolívia como o centro de difusão das migrações Tupi-guarani (MORAIS, 2007, p.5).

Ponderando e associando as hipóteses apresentadas em estudos etnográficos precedentes, o etnólogo Nimuendajú, buscou evidenciar a importância simbólica, e /ou mítico/religiosa, da mobilidade espacial Tupi-guarani. O autor respaldou que a busca da "terra sem mal" foi o impulsor de crescimento dos povos da família linguística Tupi-guarani, ou seja, os deslocamentos, realizados por diferentes grupos humanos em diferentes períodos, foram estimuladas por questões mítico-religiosas (SOUSA, 2009, p.31).

O etnólogo Curt Nimuendajú teve grande influência sobre os pensamentos de Alfred Métraux, autor de "Migrations historiques des Tupi-guarani" e "La civilization matérielle des tribus Tupi-guarani". Tendo a hipótese mais amplamente aceita, segundo Almeida (2010), Métraux, buscou explicar que a dispersão dos povos Tupi e Guarani teria ocorrido pouco antes da conquista, e a sua dispersão teria acontecido a partir da bacia do Paraná-Paraguai,

entre o norte do Rio Amazonas e sul do Paraguai, no horizonte a leste do Tocantins e a oeste pelo Madeira (MÉTRAUX, 1928).

Em “Migrations historiques des Tupi-Guarani”, Métraux explica que os Tupis teriam expulsado os tapuias da costa brasileira, subdividindo-se em dois grandes subgrupos: os Tupinambás⁶ e os Guaranis. Os primeiros habitaram a região costeira entre Ceará até a Cananéia, posteriormente subdividindo-se em outros subgrupos. Já os povos Guaranis que também foram denominados de Carijós, foram catequizados pelos jesuítas espanhóis e incorporados aos 30 povos das Missões da província do Paraguai (ALMEIDA, 2010).

A partir de meados do século XX os estudos sobre o centro de origem e rotas migratórias dos grupos falantes do Tupi-guarani ganharam um novo fôlego. Observou-se que, para além das fontes históricas e etnográficas, as fontes arqueológicas ganham notoriedade no cenário nacional por meio das pesquisas desenvolvidas pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - PRONAPA. De modo que, essas informações trazidas pela arqueologia e linguística, redirecionaram a compreensão acerca das migrações Tupi-guarani, dentre as principais obras estão Meggers e Evans (1973), Lathrap (1975) e Brochado (1984).

Betty Jane Meggers em (1979), defendeu que o ponto de origem e dispersão da tradição ao qual conhecemos na arqueologia por Tupiguarani, estaria vinculada aos grupos que ocupavam o atual território da Bolívia, na base da cordilheira dos Andes. Para a arqueóloga, os Tupi descendiam dos povos que migraram dos Andes bolivianos, que ocuparam a várzea da Amazônia, e, posteriormente, chegando até a costa atlântica do Brasil. Sendo a região da Amazônia povoada recentemente por consequência da migração de grupos humanos das “altas culturas”, em função aos incontáveis fatores que limitantes do ambiente, “regrediram culturalmente” (MEGGERS, 1979, p.159).

Mais tarde, Meggers em parceria com Clifford Evans, propuseram uma nova teoria para a tradição Tupiguarani, com base na análise de dados arqueológicos e linguísticos fornecidos pelo PRONAPA, sugerindo o mesmo local indicado por Ayrton Rodrigues em “Línguas brasileiras” (1986). Assim, por meio desse novo olhar, apontaram a região ao leste da bacia Amazônica, na América do Sul, como a região de maior concentração e desenvolvimento de famílias pertencentes ao tronco linguístico Tupi (MEGGERS e EVANS, 1973). E na busca para explicar como as intensas mudanças climáticas contribuíram para a

⁶ “Sobre o termo Tupinambá, cabe ressaltar seu duplo sentido, na medida em que, como destacou Carlos Fausto, pode ser utilizada tanto para designar o grande subgrupo que se distingue dos guaranis e reúne vários subgrupos que habitaram o litoral até a Cananéia” (ALMEIDA, 2010, p.33).

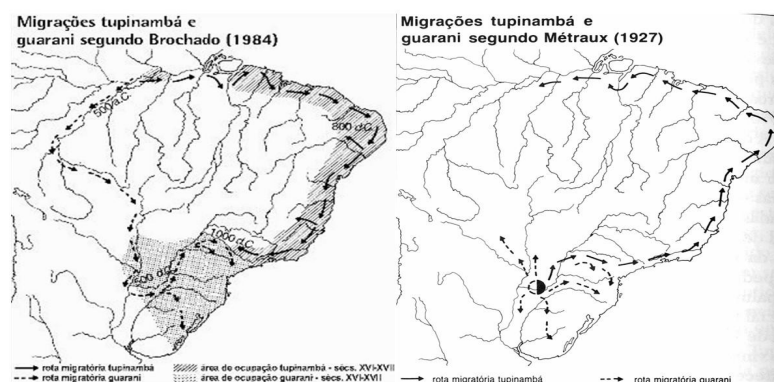
expansão de grupos Tupi, Meggers (1973) afirmou que o modelo de “refúgios florestados”⁷ estaria ligado a disseminação da tradição arqueológica Tupiguarani.

Para explicar a dispersão dos grupos Tupi, o arqueólogo Donald Lathrap (1975) formulou a teoria conhecida como “modelo cardíaco”, a sua teoria sugere que a motivação por novas áreas de ocupação teria sido por influência do adensamento populacional na Amazônia Central, no que resultou no aumento da agricultura e do sedentarismo, a Amazônia Central seria o ponto de origem “coração” que bombeava e distribuía povos e suas culturas “sangue” através dos grandes rios e seus afluentes “artérias e veias” (CORRÊA, 2009, p.263).

Para Lathrap, a Amazônia era como um grande nicho de mudanças culturais, no qual a tecnologia de estilos cerâmicos e técnicas de cultivo se propagaram para outros lugares. Assim, a origem da cerâmica que apresenta uma pintura policroma (vermelho e ou preto sobre engobo ranco ou vermelho), e técnicas plásticas de acabamento preponderando o alisado, o corrugado, o ungulado, escovado, além de superfícies apenas engobadas, associadas aos grupos falantes do Tupi-guarani, teria acontecido na região central da bacia amazônica, mais especificamente na confluência entre os rios Amazonas e Madeira (LATHRAP, 1975, p.81-84.).

Assim como Lathrap, Brochado correlacionou as fontes etno-históricas, linguísticas e arqueológicas para explicar o ponto de origem e as rotas de dispersão dos povos do tronco Tupi. Em acordo com Lathrap, Brochado, admitia a Amazônia Central como berço deste grupo, embora os deslocamentos Tupinambá e Guarani teriam seguido rumos diferentes.

Figura 1- As principais hipóteses dos centros de origem e dispersão dos Tupi e Guarani.



Fonte: Carlos Fausto, 2000.

⁷ Nessa teoria, a autora sugere que partindo do rio Guaporé em direção ao norte, e assim alcançando o médio e baixo curso do rio Amazonas. E ao sul, teriam ocorrido migrações que alcançaram o Alto Rio Paraguai, e de lá seguiram até o Alto Paraná; e a partir dali se subdividiram: para leste até atingir a costa atlântica; e posteriormente, para o norte e sul, passando do rio Paraná para os rios Uruguai, Jacuí, Prata até alcançar novamente o litoral.

Para Brochado a expansão Tupinambá teria acontecido em direção leste, percorrendo o litoral atlântico rumo ao sul. E a expansão Guarani percorreu o sentido norte para o sul, partindo da Amazônia até a foz do rio da Prata, através dos cursos dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. Deste modo, Brochado dividiu a Tradição Tupiguarani em duas sub-tradições: Tupinambá e Guarani⁸; porém, discordou que a cerâmica da Tradição Tupiguarani seria uma derivação da subtradição Guarita, da tradição Policrômica Amazônica (BROCHADO, 1989, p.71). Desse modo os sítios do litoral estariam representados pelos grupos tupinambá, com decoração predominantemente pintada⁹, enquanto os sítios situados ao sul, representados pelos grupos guarani, teriam predomínio de motivos plásticos, cujo principal estilo é o corrugado¹⁰.

Para explicar o sistema de deslocamento populacional desses grupos, Brochado formulou a tese do "enxameamento", compreendendo que esse processo havia sido impulsionado pelo crescimento populacional que promoveu o remanejamento por parte desses grupos para outras regiões, no entanto, sem favorecer o afastamento das áreas originais (BROCHADO, 1989, p.80).

Em consonância com Brochado, Noelli, defendeu a ligação da Amazônia Central à gênese dos grupos da família linguística Tupi-guarani, e em relação à mobilidade espacial desses grupos, o autor entende esse fenômeno como algo além de um simples movimento migratório. Dessa forma, Noelli concordou com a ideia de "enxameamento" de Brochado, pois na medida em que novos territórios iam sendo conquistados, os territórios tradicionais permaneciam ocupados, isso significa dizer que, os Tupi-guarani estavam envolvidos com movimentos de expansão e não com simples migrações (BROCHADO, 1989, p.80; NOELLI, 1996, p.10-11).

Heckenberger, Neves e Petersen (1998), criticaram as teorias apresentadas anteriormente de Lathrap, Brochado e Noelli. Para Heckenberger e seus parceiros, os pressupostos de que a Amazônia Central teria sido berço da "Tradição policrômica da Amazônia" e suas cerâmicas estarem arqueologicamente relacionadas com os falantes de

⁸ "As distinções feitas entre subtradição Guarani e subtradição Tupinambá, segundo o autor, é que a primeira, leva em conta a distribuição da cerâmica policrômica, seria uma variante da subtradição Guarita, que é a mais antiga das sub tradições no horizonte da Tradição Policrômica Amazônica, tendo seu início por volta do início da era Cristã. A segunda seria uma atenuante da cerâmica Marajoara, que por sua vez é uma atenuante da Subtração Miracanguera do Baixo Amazonas, com início por volta do ano 500" (DE OLIVEIRA, 2008).

⁹ "Na subtradição Pintada, que seria mais antiga, a maior parte da cerâmica não têm decoração, mas na cerâmica decorada predomina a pintura policrômica" (BROCHADO, 1980).

¹⁰ "Na subtradição Corrugada, que teria seguido a Pintada, predomina a decoração corrugada, de pontos que desenham padrões geométricos, como, paralelas ziguezagues, quadriculados, círculos, retângulos, e cruzes concêntricas e gregas." (BROCHADO, 1980).

línguas Tupi, significava dizer que tais teorias não possuíam base empírica e estariam pautadas em “expectativas hipotéticas”. Na compreensão de Heckenberger e seus colaboradores, as pesquisas arqueológicas realizadas no baixo curso dos rios Negro e Solimões, não comprovavam ser a “Tradição Policrômica” a mais longeva na Amazônia Central¹¹, sendo impreciso identificar um lugar inicial para o avanço dessa tradição, como defendiam Lathrap, Brochado e Noelli em suas teorias (HECKENBERGER et al, 1998).

Em relação a questão migratória dos Tupiguarani, os autores admitem que existiam um modelo dinâmico de deslocamento populacional entre estes grupos humanos, porém, ressaltam que se tenha cautela para tais suposições acerca dos movimentos migratórios; acrescentando que, incertamente esse fenômeno possa ser demonstrado por meio de vestígios arqueológicos. Apesar de que a migração, dispersão e difusão, lembram os autores, “têm na arqueologia um importante papel explanatório para explicar mudança cultural” (HECKENBERGER et al, 1998).

Na breve discussão apresentada, ficou visível que durante mais de um século e meio houveram concordâncias e discordâncias, ainda assim, podemos afirmar que em todos os modelos prevalecem dois pontos semelhantes: a existência de um eixo de origem para a cerâmica da tradição Tupiguarani; e diversas rotas de passagem das populações que as produziam (NOELLI, 1996).

Considerando a discussão apresentada e concordando com Pereira (2009), percebe-se que os modelos propostos para a expansão dos Tupi e Guarani pelo território brasileiro divergem em muitos aspectos. Nas ciências humanas, os estudos sobre sociedades não visam a uma resposta definitiva e não podem comportá-la, pois assumir uma posição sobre qualquer fato implica em constatações frágeis. O panorama teórico e empírico completo sobre a formação das famílias Tupi e Guarani e suas movimentações ao longo da história ainda está em constante construção.

¹¹Os trabalhos recentes na Amazônia Central trazem evidências de que a tradição policroma amazônica não é muito mais antiga nesta área central do que nos demais pontos da bacia amazônica (Heckenberger et al, 1998, p.75). Ao que tudo indica a tradição policroma amazônica pertence a um período tardio, por volta de 900 D.C. (Heckenberger et al, 1998, p.80), com datações em muito superadas pelas antiguidades das cerâmicas policromas fora da bacia amazônica. Essa é a principal crítica ao modelo de Brochado no início da década de 90 (Scatamacchia, 1990), já que inúmeras datas no Sul e Sudeste do país eram bem mais antigas do que no pressuposto centro de origem amazônico.

3 OCUPAÇÃO TUPIGUARANI NO LITORAL SÉCULO XVI: NOTAS ETNO-HISTÓRICAS E EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

De acordo com Daniel Defert (1986), os relatos coloniais apresentam três características. A primeira revela uma escrita política, por registrar um inventário tanto dos aspectos naturais quanto humanos, auxiliando na exploração e dominação do território descoberto. A segunda característica é também uma escrita nacional, que alcança tanto os plebeus quanto as cortes, difundindo uma literatura nacional que divulgava as proezas, feitos e conquistas do país colonizador. E a terceira é uma escrita das potências comerciais europeias em sua interação com o "outro", situando a Europa como a civilização universal (SILVA, 2004).

Nessa perspectiva, a análise das crônicas, não tem como objetivo a reconstrução dos fatos históricos por meio das informações relatadas. Em vez disso, busca-se compreender, sob a ótica do "outro", as características dos padrões de povoamento, economia e produção cerâmica presentes na cultura desses povos. É importante observar que os relatos dessas crônicas são feitos por homens que frequentemente descrevem o que não compreendem, reinterpretando-o com base em seus próprios moldes conhecidos (SILVA, 2004).

Havia intensas interações nas quais se estabeleciam redes de influências, consolidando relações culturais, comerciais e bélicas, conforme aponta (ALMEIDA, 2010). As aldeias Tupi eram unidades auto sustentáveis, independentes das demais do mesmo grupo. No entanto, uniam-se principalmente em situações de guerra, onde a identidade étnica comum era reafirmada e as distinções entre Tupinambá, Tabajara, Potiguar e Caeté eram concretizadas (MONTEIRO, 1992).

No que diz respeito ao número de habitantes que ocupavam o litoral na época da chegada dos portugueses no século XVI, John Monteiro (1992) menciona que as estimativas variam entre 2 e 4 milhões de pessoas. De acordo com Ayrton Rodrigues (1986), esses povos eram constituídos por uma população extremamente diversificada, composta por mais de 1.000 etnias.

Seguindo as indicações de Silva (2004), procedeu-se à delimitação territorial dos grupos Tupi na costa das capitanias de Pernambuco e Rio Grande. Tal delimitação baseou-se nos relatos mais recorrentes dos cronistas coloniais, permitindo a composição de um painel que revela a localização das etnias Caeté, Tabajara e Potiguar. Com tais informações disponíveis, elaborou-se um mapa que apresenta a distribuição espacial desses grupos, visando retratar a situação no momento do contato.

Figura 2 - Delimitação territorial das etnias indígenas Caeté, Tabajara e Potiguar.



Fonte: Geyza Silva, 2004.

Os Potiguaras possuíam um território de domínio que abrangia desde a costa da capitania do Rio Grande até o rio Paraíba (SILVA, 2004, p.67). Ao longo da costa, eles causavam graves danos aos moradores das capitanias de Pernambuco e Itamaracá, incendiando engenhos e outras propriedades, resultando na morte de muitos homens brancos e escravos (SOUSA, 2001[1587], p. 52-54). Essa etnia resistiu por muitos anos à expansão colonizadora portuguesa em seu território, realizando ataques além do rio Paraíba, o que gerava medo e prejuízos às povoações coloniais (ANCHIETA, JOSÉ DE [1584], 1988, p. 306).

No momento do contato, os Tabajara habitavam nas mediações do rio São Francisco, onde ajudaram a serem realizadas descimentos¹², tendo como guia, o Principal, Braço de Peixe e sua “sua gente, que era muito esforçada e guerreira, entraram muitas léguas pelo sertão, matando os que resistiam e cativando os mais”(SALVADOR [1627] , 1965, p.182).

A etnia Caeté, “senhoreou esta costa da boca do Rio São Francisco até o rio Paraíba” (SOUSA, 2001 [1587] p.61). Sempre descritos como hábeis guerreiros, no entanto, “muito mais falso, e atraído que outro algum, sem palavra, nem lealdade, e fizeram naqueles

¹² Descimento é um termo utilizado para descrever um processo histórico ocorrido durante o período colonial no Brasil. O descimento refere-se à prática de deslocar populações indígenas de suas áreas de origem para estabelecê-las em aldeamentos, geralmente próximos às vilas e povoados dos colonizadores. Essa prática tinha como objetivo central a catequização dos indígenas, impondo-lhes a fé católica e integrando-os à sociedade colonial. Os indígenas, assim, eram retirados de suas terras e modos de vida tradicionais, passando a viver sob a tutela e controle dos colonizadores. O descimento foi uma estratégia adotada pelos colonizadores para controlar a mão de obra indígena e garantir a exploração dos recursos naturais da região. No entanto, essa política teve impactos significativos nas comunidades indígenas, levando à perda de suas terras, à destruição de suas culturas e à marginalização social (ALMEIDA, 2010).

primeiros tempos grandes males aos portugueses”(JABOATÃO, ANTONIO SANTA MARIA, 1958 [1761], p.146).

Segundo Gândavo (1980), havia uma grande presença desses povos indígenas ao longo da costa das Capitâneas quando os portugueses começaram a colonizar a terra. No entanto, devido às revoltas e traições por parte desses indígenas, os governadores e capitães locais gradualmente os eliminaram, resultando na morte de muitos e na fuga de outros para o interior. Como consequência, a costa ficou despovoada ao longo das Capitâneas (GANDAVO, 1995 [1576], p.34).

Em relação às escolhas dos locais para edificarem suas habitações, Staden (1974), descreve que os grupos tinham preferência por lugares com proximidade de água e lenha, tal qual caça e peixe; podendo mudar para outros lugares caso esgotassem os recursos para sua sobrevivência. De acordo com o Autor Anônimo (1856, p. 205), conforme citado por Nascimento (1983, p.7), o local para sua instalação era escolhido pelos mais velhos, onde o principal escolhe o lugar onde deveria construir a sua oca, e logo em seguida a distribuição dasocas dos demais.

Nos relatos do autor cujo nome é desconhecido (1856, p. 205), citado na obra de Nascimento (1983, p. 7) ele descreve que após a escolha do sítio, a casa do principal é muito comprida e coberta por palma; e os demais seguem o mesmo modelo e vão formando as suasocas regulando-as em quadros, que parecem uma praça, e fazem seus ajudantes e bailes. Nota-se ainda que “poucas aldeias contam com mais do que sete cabanas. Entre estas deixam eles um pátio livre, em que mata seus prisioneiros” (STADEN,1974 [1557], p.155).

Essas aldeias, de acordo com a descrição de Pero Vaz de Caminha eram compostas por “...nove ou dez casas, as quais eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitania” (CORTESÃO. JAIME, 1943 [1500], p. 225). O historiador Gandavo, cita que “Estes índios vivem todos em aldêa, pôde haver em cada huma sete, oito casas, as quais são compridas feitos a maneiras de cordarias...”(GANDAVO, 1980 [1576], p.52).

O escrivão português, Caminha, ainda descreve que estasocas eram construídas “...de madeira, e dos ilhargos de tábuas, e cobertas de palha, de razoada altura. Todas duma só peça,... em cada casa se recolhiam trinta a quarenta pessoas, e que assim os achavam” (CORTESÃO, 1943 [1500], p.225).

Jean de Lery narra que “...as casas dos selvagens são em geral compridas, abauladas no teto e coberta de ramos cujas pontas toca no solo...”(LÉRY, JEAN DE. 1980 [1578], p. 212). Além disso, o missionário acrescenta que “Carregavam grossos pedaços de madeira e

grandes palmas de pindoba para a construção e cobertura de suas casas...” (LÉRY, 1980 [1578], p. 229).

Segundo o relato do viajante, Staden (1974), as ocas construídas eram geralmente compridas, feitas de madeiras e cobertas por folhas de palmeira, e o número de habitantes variará de acordo com o tamanho que ela comportava. Staden, ainda narra que liderados por um chefe, eles se reuniam em torno de quarenta homens e mulheres mais próximos para realizarem a construção da cabana. A cabana variava de tamanho de acordo com a quantidade de pessoas que iria abrigar, podendo ter mais ou menos quatorze pés de largura, e chegando até cento e cinquenta pés de comprimento, tais cabanas eram arredondadas e cobertas espaçadamente com folhas de palmeiras (STADEN, 1974 [1557], p.155).

De acordo com Staden (1974), a organização dos espaços dentro das ocas indígenas não incluía divisões internas. Cada ocupante, incluindo marido e mulher, possuía um espaço de aproximadamente doze pés de comprimento em um lado da oca, enquanto outro ocupante ocupava o espaço correspondente do outro lado. Além disso, as cabanas eram preenchidas com seus respectivos fogos individuais. O chefe da cabana ocupava uma posição central, e cada cabana geralmente possuía três pequenas portas, uma em cada extremidade e outra no meio. Estas portas eram tão baixas que os indígenas precisavam se curvar para entrar e sair.

Staden (1974) descreve a organização dos espaços nas ocas indígenas, destacando que não havia divisões internas. Cada ocupante tinha seu próprio espaço, sendo que o marido e a esposa ocupavam um lado da oca, com um espaço de aproximadamente doze pés de comprimento, enquanto outro ocupante ocupava o espaço correspondente no outro lado. Dessa forma, as cabanas ficavam completamente preenchidas. Além disso, cada ocupante possuía seu próprio fogo. O chefe da cabana ocupava uma posição central e, em relação à estrutura das cabanas, elas geralmente possuíam três pequenas portas, uma em cada extremidade e outra no meio. Vale ressaltar que essas portas eram tão baixas que os indígenas precisavam se curvar para entrar e sair (STADEN, 1974[1557], p. 155).

De acordo com Léry (1980), as aldeias indígenas não possuíam uma estrutura fechada com portas nas casas. Em sua maioria, essas aldeias tinham uma extensão de cerca de oitenta a cento e vinte passos, sendo cobertas apenas com folhas de palmeira ou da planta conhecida como pindá. No entanto, em aldeias que faziam fronteira e, portanto, eram mais ameaçadas por inimigos, os nativos costumavam colocar estacas de palmeiras com cerca de seis pés de altura. Além disso, nas entradas dos caminhos difíceis, eram colocadas armadilhas afiadas de modo que, se os agressores tentassem entrar à noite, os habitantes da aldeia poderiam escapar por atalhos conhecidos apenas por eles e repelir os atacantes. Aqueles que tentassem fugir ou

lutar seriam feridos nos pés e caíam, aproveitando-se da vantagem do terreno (LÉRY, 1980[1578], p.188).

Observa-se ainda, nas descrições feitas por Hans Staden (1974), os grupos que gostavam de rodear suas choças com uma fortificação, eles levantavam em volta das casas uma cerca de palmeiras rachados, numa altura de "braça e meia" tão cerradas que nenhuma flecha é capaz de atravessá-las, porém, com pequenos buracos pelos quais atiravam.

Sobre a duração das aldeias, havia uma propensão a variar de tempo; segundo os relatos de Jean Léry percebe-se que "...os brasileiros não moram demoram em geral mais de cinco a seis meses no mesmo lugar... e mudam as aldeias sem lhes mudarem os nomes o que faz que às vezes os encontramos a um quarto de légua ou mesmo meia légua de distância do lugar em que antes habitavam" (LÉRY, 1980 [1578], p. 229).

De acordo com Staden (1974), as mulheres indígenas fabricavam as vasilhas de barro de que necessitavam através de um processo específico. Primeiro, elas amassavam o barro e moldavam as vasilhas desejadas. Em seguida, deixavam-nas secar por algum tempo. Além disso, tinham habilidade para pintá-las de forma decorativa. Quando era necessário queimar as vasilhas, elas as colocavam em cima de pedras e cobriam-nas com bastante cortiça seca, que acendiam. Dessa forma, as vasilhas eram queimadas até ficarem incandescentes, semelhantes ao ferro em brasa (STADEN,1974[1557], p.161)

Jean Léry (1980), ainda observou as formas, decorações e a utilização da cerâmica e descreve que na preparação da farinha "...usam as mulheres brasileiras grandes e amplas frigideiras de barro, com capacidades de mais de um alqueire e que elas mesmas fabricam com muito jeito..." (LÉRY, 1980[1578], p. 124).

Conforme Léry (1980), o trabalho doméstico cabe às mulheres, e além desta tarefa, estas ainda fabricavam diversos potes e vasilhas de barro que possuíam uma superfície externa não muito lisa, porém, eram completamente polidos internamente e tinham um acabamento vítreo de alta qualidade, comparável ao trabalho dos oleiros. Para alcançar esse resultado, utilizavam um licor branco que endurecia rapidamente. Além disso, preparavam tintas pardacentas que eram aplicadas com pincéis para decorar as peças com motivos como ramagens, ornamentos eróticos, entre outros. Vale ressaltar que as vasilhas de barro usadas para armazenar farinha eram especialmente distintas, pois os pintores não seguiam modelos fixos, mas sim utilizavam sua própria imaginação para criar os desenhos (LÉRY, 1980 [1578], p. 232).

Nessa perspectiva, a cerâmica era um elemento cultural importante para estes grupos, pela sua relação com as práticas alimentares, como também, em virtude das técnicas

empregadas na fabricação destes bens, por esse motivo, a cerâmica fabricada por eles foram identificadas como pertencentes à tradição Tupiguarani. (LUNA; NASCIMENTO, 1994; LUNA, 2003; LUNA, 2006).

Os grupos identificados arqueologicamente como integrantes da tradição Tupiguarani, ocuparam todo o estado de Pernambuco e a predominância do material arqueológico implica na adaptação desses grupos humanos às próprias condições de sobrevivência oferecidas nesses ambientes (COSTA, 2018;ALBUQUERQUE, 1991). Estudos arqueológicos realizados a partir da década de 1980, apontaram a possibilidade da existência de grupos Tupiguarani no semi-árido Nordeste¹³ em períodos anteriores à colonização (ALBUQUERQUE, 1983/1984, 1991; MARANCA, 1976; MARANCA e MEGGERS, 1980).

Na região da Zona da Mata e no Litoral, as pesquisas realizadas por Albuquerque (1984), Luna (1991), Lima (2006), destacaram a ocupação dos grupos ceramistas Tupiguarani, no qual essa cerâmica por eles fabricada, apresentava formas e funções bem características, possuindo as mais variadas formas (relacionadas à fabricação de vasilhas, panelas, reservatório, potes, urnas funerárias e fusos de fiar) e os mais diversos usos relativos ao preparo da alimentação, das bebidas, ao armazenamento de líquidos ou às atividades funerárias (LUNA; NASCIMENTO, 1994; LUNA, 2003; LUNA 2006).

As escavações arqueológicas realizadas em outros sítios no estado de Pernambuco, levantaram algumas questões pertinentes que permitiram identificar a distribuição espacial nas aldeias Tupiguarani. A pesquisa realizada por Suely Luna (1991), no Sítio Sinal Verde, localizado em São Lourenço da Mata-PE, apresentou seis manchas húmicas com cerâmica, indicadoras de seis ocas formando arco. E o Sítio Aldeia Baião, em Araripina- PE, estudado por Ana Nascimento (1991), identificou que as manchas de ocupação das ocas, estavam situadas numa chapada, de forma redonda e elíptica, estavam dispostas formando um retângulo.

As regiões localizadas ao norte de Alagoas e sul de Pernambuco também foram alvos de trabalhos sistemáticos focados na análise da inserção dos assentamentos no cenário geomorfológico local; e por meio desta análise sistemática desses sítios, os resultados revelaram que os sítios Tupiguarani se estabeleceram desde grandes aldeias, até acampamentos e áreas de uso exclusivo para agricultura. De modo geral, os locais escolhidos para os assentamentos caracterizam-se pela extensão superior a 1000 m²;

¹³ Região fisiográfica onde está inserida a Chapada do Araripe, localizada em uma área que abrange os estados de Pernambuco, Ceará e Piauí, entre os meridianos 41°00" e 30°00" W e os paralelos 7°00" e 8°00" S.

configuração plana e quando nas vertentes com uma inclinação inferior a 20 m, localizados principalmente nas terras elevadas (LIMA, 2006, p.129).

Segundo Prous (1992), as características de assentamentos e a utilização do ambiente por parte dos Tupiguarani, caracterizava-se pelos assentamentos localizados nos topo de morros, “além de dominar um rio principal navegável; geralmente, nas imediações das habitações, passa um córrego ou rio menor que fornece água potável”. O autor também destaca que os Tupiguarani se estabeleciam em aldeamentos localizados em posições elevadas, sendo estes associados a grandes aldeias, entretanto, ele ressalta que, em algumas ocasiões a distribuição dos sítios poderia ser afetada por “fatores complementares”, específicos de cada local (PROUS, 1992, p.376).

4 OS CERAMISTAS TUPIGUARANI EM IPOJUCA-PE

Os estudos realizados por meio do "Programa de Salvamento Arqueológico na área da Refinaria do Nordeste - Abreu e Lima, Município de Ipojuca-PE" (RNEST) demonstraram uma diversidade significativa de vestígios da Cultura Material dos povos que ali se estabeleceram antes do contato europeu, o que torna essa área importante para o estudo das ocupações dos povos originários na região. O programa abrangeu uma extensão de 630 hectares e teve como objetivo o diagnóstico, prospecção e resgate arqueológico durante a implantação da Refinaria do Nordeste.

A região onde ocorreu a intervenção do Programa de Salvamento Arqueológico, para a instalação da Refinaria do Nordeste, está localizada no município de Ipojuca, na Zona da Mata pernambucana. Essa área possui grande importância histórica e cultural para o Estado de Pernambuco, uma vez que está situada nas Bacias Hidrográficas dos rios Ipojuca e Pirapama. Essa região foi marcada pelas primeiras ocupações da Capitania de Pernambuco, juntamente com o Vale do Igarassu, a Várzea do Beberibe e a Várzea do Capibaribe (ANDRADE, 1989).

A área da Refinaria foi historicamente ocupada devido à qualidade das terras para o cultivo da cana-de-açúcar, estando intimamente ligada à história açucareira dos engenhos estabelecidos ao longo da costa nordeste desde o século XVI, que serviram como base para o surgimento das vilas e povoações na Capitania de Pernambuco (ANDRADE, 1989). Ao longo dos séculos, a região da Zona da Mata sofreu uma grande devastação de sua cobertura vegetal, primeiramente pela retirada de madeiras nobres para o comércio de exportação e posteriormente pelo desmatamento para o plantio de cana-de-açúcar (DEAN, 1996).

Diante disso, muitos dos vestígios arqueológicos foram total ou parcialmente fragmentados pela intensa atividade agrícola nessa região. Em um período mais recente, essa área também sofreu as consequências da especulação imobiliária, com o loteamento das poucas áreas que conseguiram sobreviver aos séculos de devastação. Hoje, restam apenas vestígios da exuberância original, mantendo-se cada vez mais difícil encontrar áreas que conservem as marcas caracterizadoras da floresta primitiva.

Segundo José Diniz Madruga Filho (2004), na área de influência correspondente a Refinaria Nordeste, no município de Ipojuca-PE, ocorrem afloramentos das unidades datadas como holocênicas¹⁴ correspondente aos sedimentos flúvio-lagunares e de mangue; além de uma sequência vulcano-sedimentar cretácica¹⁵, correlacionada a Formação Estiva¹⁶ e Formação Cabo¹⁷. Essas formações ocorrem na forma de inúmeras colinas de pequenas dimensões (diâmetro inferior a 200m) e intensamente entrecortadas, onde foram identificadas grandes partes dos sítios arqueológicos.

Desse modo, este estudo baseia-se em dados empíricos específicos dos sítios que passaram por intervenções por meio do salvamento arqueológico na área pesquisada, nos quais foram identificados 31 pontos caracterizados como sítios arqueológicos e 7 como ocorrências. Esses sítios foram classificados como Pré-coloniais (3), Multicomponenciais (21) e Sítios Históricos (7). Como fazem parte da área de salvamento arqueológico da Refinaria Nordeste, os 31 sítios arqueológicos receberam a sigla RNEST.

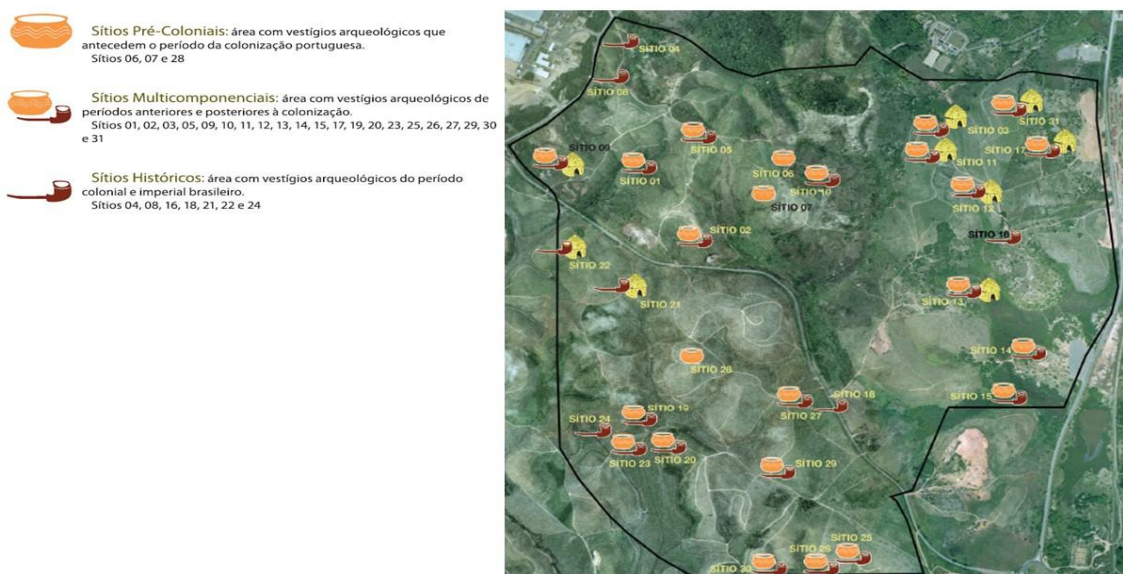
¹⁴ “Essa fase regressiva foi responsável pelo desenvolvimento da maior parte das planícies holocênicas que ocorreram ao longo de toda margem continental” (FILHO, 2004).

¹⁵ “A faixa costeira do Sul de Pernambuco, é constituída, principalmente, por um domínio colinoso, onde as colinas mais ou menos arredondadas, geralmente de reduzida extensão, com costas que viram de 10 m a 40 m, correspondem à sequência vulcano sedimentar” (FILHO, 2004).

¹⁶ Cobra (1960) descreve que ocorre no Engenho Gameleira (Município de Ipojuca-PE), um calcário maciço, fossilífero, intercalado por camadas argilosas. Os calcários aflorantes e sub aflorantes, presentes na Bacia do Cabo, correlatos e sendo agrupados a Formação de Estiva.

¹⁷ Segundo Alheiros (1987), através da caracterização sedimentológica, feita, a Formação de Cabo seria composta por conglomerados polimíticos, arcóseos e siltitos.

Figura 3 - Mapa Topográfico do Sítio Arqueológico do RNEST.



Fonte: Relatório Final do Programa de Prospecção e Salvamento Arqueológico da Refinaria Nordeste (RNEST).

Entre os sítios classificados como Pré-coloniais a céu aberto, destaca-se o RNEST-06, localizado no topo de uma colina a uma altitude de 50 metros acima do nível do mar. O sítio abrange uma área de 210 x 100 metros. Devido à escassez de material arqueológico e sua natureza superficial, esse local foi considerado como um sítio de curta duração.

O sítio RNEST-07, por sua vez, foi identificado como uma oficina lítica, ocupando uma área considerável com aproximadamente 150 x 124 metros. Apresenta elementos pré-históricos dispersos tanto na parte plana quanto nas encostas do morro. Os artefatos arqueológicos pré-históricos encontrados na superfície são vestígios feitos principalmente de sílex.

Figura 4 - Bloco e fragmentos de sílex.



Fonte: Relatório Final do Programa de Prospecção e Salvamento Arqueológico da Refinaria Nordeste (RNEST).

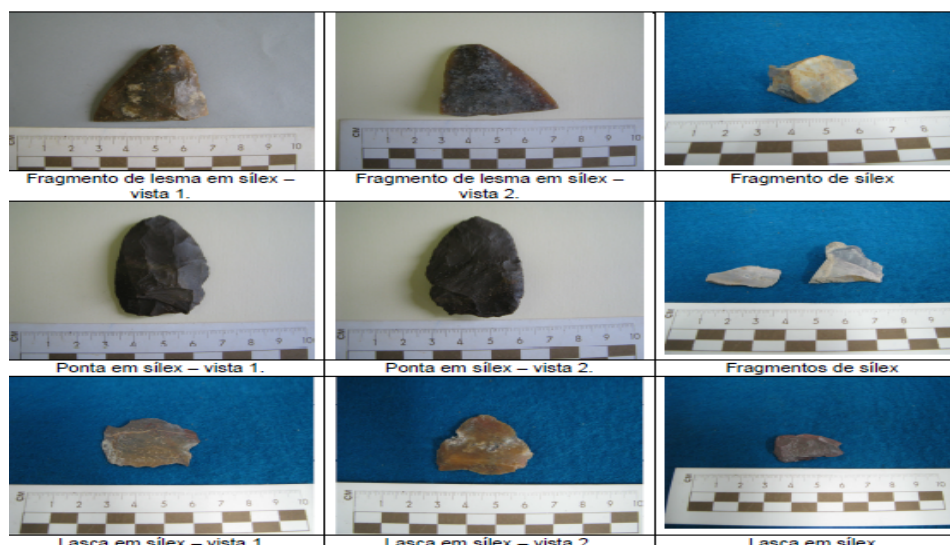
Já o terceiro sítio, RNEST-10, abrange uma área estimada de 135 x 125 metros e está localizado a uma altitude de 45 metros em relação ao nível do mar, no topo e parte da

encosta de uma colina que é cercada por outros sítios arqueológicos. De acordo com Luna e Nascimento (2009), devido à proximidade geográfica e ao tipo de material encontrado, é provável que esse sítio faça parte do mesmo complexo dos sítios RNEST-06 e RNEST-07.

Os sítios arqueológicos RNEST-01, RNEST-02, RNEST-05, RNEST-06, RNEST-15, RNEST-25, RNEST-27 e RNEST-28 são classificados como multicomponenciais, refletindo ocupações tanto pré-coloniais quanto históricas. Esses sítios apresentam diferentes composições e quantidades de vestígios arqueológicos, tais como cerâmicas indígenas e líticos, louças, cerâmicas históricas, fragmentos de garrafas em grés e faiança, além de fragmentos de objetos feitos de vários tipos de metal e cachimbos luso-brasileiros, entre outros.

Dentre esses sítios, destacam-se os sítios RNEST-02, RNEST-27 e RNEST-28, que apresentam um material lítico diferenciado. Trata-se de lascas e raspadores plano-convexos feitos de sílex com retoques. De acordo com Luna e Nascimento (2009), essa é a primeira vez que se registra a presença desse tipo de material no litoral pernambucano, sugerindo vestígios relacionados a grupos de caçadores-coletores.

Figura 5 - Vestígios líticos do sítio - 28.



Fonte: Relatório Final do Programa de Prospecção e Salvamento Arqueológico da Refinaria Nordeste (RNEST).

Os sítios arqueológicos denominados RNEST-03, RNEST-09, RNEST-11, RNEST-12, RNEST-13, RNEST-17, RNEST-29 e RNEST-31 são caracterizados como aldeias que ocuparam os topos das colinas. Como resultado, a quantidade e a distribuição dos vestígios cerâmicos e líticos encontrados são mais expressivos nas áreas onde o terreno começa a declinar em relação à área central. As arqueólogas também observam que é provável que o

topo dessas colinas abrigasse o pátio da aldeia ou a área frontal de uma casa (LUNA; NASCIMENTO, 2009).

De acordo com Luna e Nascimento (2009), é sugerido que essa área mais central possa estar relacionada ao pátio da aldeia ou à área frontal de uma casa. Isso ocorre devido à falta de uma grande área plana nos topos, que seria necessária para formar o padrão típico das aldeias tupi conhecidas, ou seja, um pátio cercado por várias casas. Os grupos que habitaram esse local adaptaram seu sistema às condições locais.

Os sítios localizados em morros próximos, como o RNEST-03, RNEST-11, RNEST-12, RNEST-17 e RNEST-31, evidenciam que os grupos que habitavam essas áreas buscavam morros próximos uns dos outros. Em cada um desses morros, eles construíram suas casas, formando aldeias dispersas ao longo de uma área mais ou menos contínua (LUNA; NASCIMENTO, 2009).

Figura 6 - Escavação das trincheiras 04 e 05 , sítio RNEST-17 - vista Oeste, vendo-se ao fundo o sítio - 03.



Fonte: Relatório Final do Programa de Prospecção e Salvamento Arqueológico da Refinaria Nordeste (RNEST).

É importante ressaltar que o material histórico presente nos sítios multicomponenciais identificados como aldeias indígenas (RNEST-03, RNEST-09, RNEST-11, RNEST-13, RNEST-17, RNEST-29, RNEST-31) parece ter sido depositado ali após a ocupação indígena. Isso ocorre porque, a partir da análise preliminar dos vestígios, não é possível relacioná-los com os contemporâneos, ou seja, aqueles que datam do período de contato (LUNA; NASCIMENTO, 2009).

No sítio RNEST-29, destaca-se a presença de vasilhas cerâmicas, incluindo três tigelas, bem como peças líticas, como um adorno labial tembetá e um pequeno cinzel polido, encontrados em camadas mais profundas. Para mais detalhes. Essas peças foram encontradas em um contexto que possivelmente está relacionado a um ritual de

enterramento. Elas estavam dispostas como um conjunto, com as duas tigelas maiores lado a lado e as demais peças no interior delas (LUNA; NASCIMENTO, 2009). Sobre esses conjuntos de peças cerâmicas presentes nos sítios Tupiguarani. Conforme mencionado por Martin (1997, p.185), em certos sítios arqueológicos, é possível identificar uma cerâmica de elaboração mais grosseira acompanhando os vasilhames pintados. Além disso, é observada a presença do tratamento escovado de superfície, sendo o estilo corrugado mais frequente nas regiões interioranas.

Figura 7 - Cerâmica pré-colonial – sítio 29.



Fonte: Relatório Final do Programa de Prospecção e Salvamento Arqueológico da Refinaria Nordeste (RNEST).

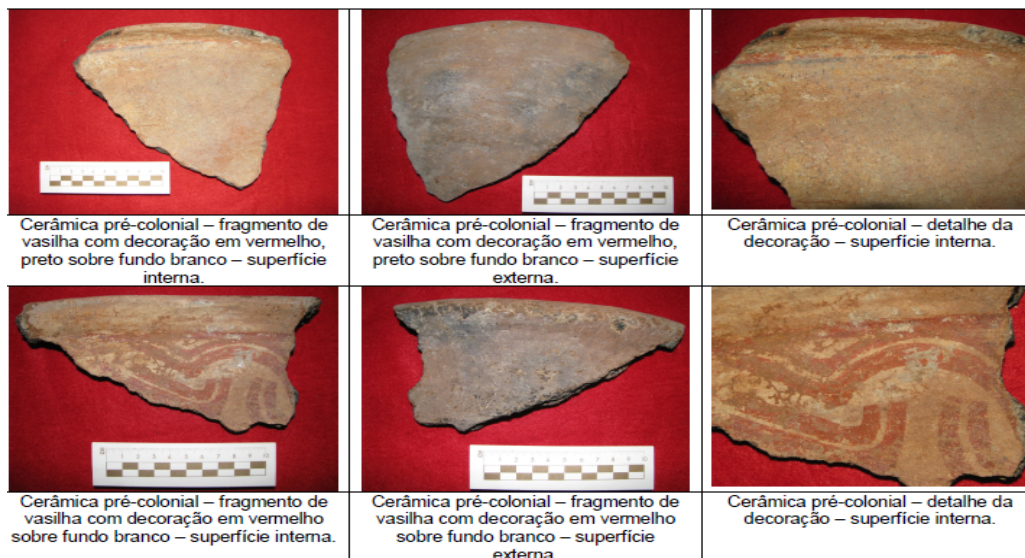
Diante disso, segundo Albuquerque (2008), o desenvolvimento dos grupos indígenas no contexto ambiental do Litoral e Zona da Mata pernambucana apresenta semelhanças. Essas regiões são caracterizadas por diversas coberturas vegetais, como clima úmido, solos alternando entre arenosos e argilosos, fauna diversificada, rios perenes e vegetação variada, incluindo manguezais e restingas. Além disso, é importante ressaltar que, no semiárido, esses grupos ocuparam pequenos microclimas em regiões de brejo, que ofereciam condições favoráveis de ocupação (ALBUQUERQUE, 2008).

A produção cerâmica tupiguarani, conforme destacado por estudos arqueológicos (LUNA; NASCIMENTO, 1994; LUNA, 2003; LUNA, 2006), apresentava formas e funções características. Essas cerâmicas incluíam uma variedade de formas, como vasilhas, panelas, reservatórios, potes, urnas funerárias e fusos de fiar. Eram utilizadas para o preparo de alimentos, bebidas, armazenamento de líquidos e atividades funerárias.

As cerâmicas Tupiguarani encontradas nos sítios Pré-coloniais e Multicomponenciais na área da Refinaria Nordeste geralmente apresentam uma borda reforçada típica e, exceto no

caso de bacias pouco profundas, possuem base arredondada. Quando são pintadas, exibem uma decoração linear e pontilhada em cores escuras, como vermelho, marrom ou preto, aplicadas com pincel ou algum tipo de instrumento semelhante sobre um fundo branco.

Figura 8 - Cerâmica pré-colonial - sítio 29.



Fonte: Relatório Final do Programa de Prospecção e Salvamento Arqueológico da Refinaria Nordeste (RNEST).

Em relação aos artefatos líticos recuperados na área da Refinaria Nordeste, os mais comuns são pequenas lascas cortantes não retocadas feitas de quartzo, ágata ou calcedônia. Também foram encontradas lascas utilizadas na preparação de pré-formas de lâminas polidas feitas de rocha basáltica, além de pequenos seixos ovais bem polidos que eram usados para o acabamento das cerâmicas. Além disso, foram identificados objetos polidos, como lâminas de machado, cinzéis e o tembetá. Segundo Luna e Nascimento (2008), esse registro arqueológico representa a primeira ocorrência desse tipo de material no litoral pernambucano, não havendo referências em outros trabalhos arqueológicos.

Figura 9 - Vestígios líticos do sítio - 28.



Fonte: Relatório Final do Programa de Prospecção e Salvamento Arqueológico da Refinaria Nordeste (RNEST).

Ressalta-se ainda que a presença das ferramentas líticas indica o seu uso para atividades como plantio, corte de árvores e abertura de covas, além das lascas e estilhas que poderiam ser utilizadas como facas, raspadores e possíveis raladores de mandioca. Os vestígios cerâmicos, por sua vez, apontam para sua utilização nas atividades essenciais do cotidiano, como o armazenamento de água e o cozimento de alimentos.

Com o contato dos nativos americanos com os colonizadores, as culturas dessas sociedades passaram por um processo de adaptação e resistência, como uma reação à nova estrutura social que estava sendo construída. Isso resultou em uma reelaboração das estruturas socioeconômicas e políticas desses grupos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas realizadas no âmbito do Programa de Salvamento Arqueológico na área da Refinaria do Nordeste, em Abreu e Lima, município de Ipojuca, PE, revelaram uma notável diversidade de vestígios arqueológicos deixados pelos grupos humanos que habitaram a região ao longo de diferentes períodos históricos. Essas descobertas forneceram importantes critérios para a compreensão da história da ocupação humana nessa área de estudo, levantando considerações relevantes sobre a distribuição dos sítios, os tipos de materiais encontrados e as possíveis interações entre os assentamentos humanos presentes.

No total, foram identificados 31 sítios arqueológicos e 7 ocorrências na área pesquisada. Dentre os sítios encontrados, pode-se classificá-los como pré-coloniais (3),

multicomponenciais (21) e históricos (7), o que confere à região uma grande importância para a compreensão dos padrões de ocupação do local ao longo do tempo.

As escavações arqueológicas resultaram em um número expressivo de sítios a céu aberto, principalmente localizados em topos de colinas próximas umas das outras, o que proporciona uma visão estratégica do ambiente. A diversidade de vestígios arqueológicos encontrados, tanto pré-coloniais quanto históricos, incluindo cerâmicas indígenas, artefatos líticos, fragmentos de louças, cerâmicas históricas, fragmentos de garrafas em grés e faiança, além de fragmentos de objetos metálicos e cachimbos luso-brasileiros, revelam a presença de diversos grupos humanos na região ao longo do tempo.

Os fragmentos cerâmicos e líticos resgatados em uma área de aproximadamente 630 hectares evidenciam o desenvolvimento técnico alcançado pelos grupos que habitaram o local, tanto no uso de materiais líticos quanto na confecção de cerâmicas. Esses vestígios podem fornecer indicações das atividades diárias realizadas por essas pessoas.

Destaca-se também a importância dos vestígios cerâmicos como evidência de suas atividades essenciais do cotidiano, como o armazenamento de água e o preparo de alimentos utilizando o calor. As ferramentas líticas, por sua vez, indicam seu uso para atividades agrícolas, como o plantio, corte de árvores e abertura de covas, além de servirem como facas, raspadores e possíveis raladores de mandioca.

Diante dessas descobertas, esse trabalho teve como objetivo promover interpretações por meio da articulação de fontes arqueológicas e históricas, contribuindo para o enriquecimento do conhecimento sobre a presença dos grupos Tupiguarani na longa história dos povos originários dessa região.

6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Marcos. Cultivadores pré-históricos no semi-árido: aspectos paleoambientais. *Clio*. Recife: Editora Universitária, n. 4. 1991.

_____. Contato Euro-Índigena no Nordeste do Brasil: Um estudo arqueológico. Dissertação de Mestrado. Recife, 1984.

_____. Ocupação Tupiguarani no estado de Pernambuco. *Clio*. Recife: Editora Universitária, n. 4. 1991.

_____. Recipientes cerâmicos de grupos Tupi no Nordeste brasileiro. In: PROUS, André; LIMA, Tânia Andrade (org.) Os ceramistas Tupiguarani: sínteses regionais. Belo Horizonte: Sigma, 2008.

- ALHEIROS, M. Caracterização Sedimentológica da Formação Cabo Pernambuco. Recife. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geociências/UFPE, 1987.
- ALMEIDA, M. R. C. de. Os índios na história do Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- ANDRADE, Manuel Correia de. História das usinas de açúcar de Pernambuco. Recife: Massangana, 1989.
- AMARAL, Alencar Miranda. “Andanças” Tupiguarani na Chapada do Araripe: análise das correlações entre mobilidade humana, tecnologia cerâmica e recursos ambientais. Tese de Doutorado/UFPE. Recife, 2015.
- ARAÚJO, A. G. M. Destruído pelo arado? Arqueologia de superfície e as armadilhas do senso comum. Revista de Arqueologia, n. 14-15, 2001-2002.
- BARBOSA, Bartira. Paranambuco. Poder e herança indígena. Nordeste – Séculos XVI e XVII. Recife: Editora da UFPE, 2007.
- BINFORD, L. R. Em busca do Passado. s.l.: Europa-América, 1991.
- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. Diálogos das grandezas do Brasil. 1. ed. integral segundo o apócrifo de Leiden. Recife: Universidade do Recife, 1962.
- BROCHADO, J. P. Alimentação na Floresta Tropical. Porto Alegre: UFRGS, IFCH, Caderno 2, 1977.
- _____. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. Clio, Recife, v.3, p.47-60, 1980.
- _____. An ecological model of the pread of pottery and agriculture into Eastern South America. Tese (Doutorado em Arqueologia) - University of Illinois, Urbana, 1984.
- _____. A expansão dos Tupi e da tradição cerâmica Amazônica. Dédalo, São Paulo, nº27, p.65-82, 1989.
- _____. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. Relaciones – Sociedad Argentina de Antropología. Nova Série, Buenos Aires, n.8, p.7-39. 1973.
- CAMINHA, Pero Vaz de. A carta de Pero Vaz de Caminha. Com um estudo de Jaime Cortesão. [1500] Coleção Clássicos e Contemporâneos I, Rio de Janeiro (1943).
- CARDOSO, Rosemary Aparecida. Resistência indígena na capitania de Pernambuco : estudo sobre o contato através da tecnologia cerâmica na Sesmaria Jaguaribe no Litoral Norte, Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia/UFPE. Recife, 2018.
- CARTAS JESUÍTICAS III Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões de José de Anchieta. SP: EDUSP, Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- COBRA, R.T.Q, 1960. Geologia da Região do Cabo de Santo Agostinho. Belo Horizonte. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia/UFMG, 70p.

- CORRÊA, Â. A. Tetama nas matas mineiras: sítios Tupi na microregião de Juiz de Fora. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- COSTA, Giseli Santana da. A iconografia cerâmica como marcador identitário dos grupos ceramistas Tupiguarani em Pernambuco. Dissertação de Mestrado/UFPE, 2018.
- CUNHA, M. C. da. Imagens de índios do Brasil: o século XVI. Estudos Avançados, São Paulo, v. 4, n. 10, 1990.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural _ entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990.
- DANTAS, Beatriz Góis, SAMPAIO, José Augusto L, CARVALHO, Maria Rosário G. de, OS povos indígenas no Nordeste brasileiro: um esboço histórico. In. CUNHA, Manuela Carneiro da (Org). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, FAPESP. 1992.
- DEAN, Warren. A Ferro e Fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.
- DEFERT, Daniel. Colônias Perdidas, Mundos a Descobrir IN DUBY, G.; Durie, E. L. e LE GOFF, J. História e Nova História; Lisboa: Teorema, 1986.
- DE OLIVEIRA, K. Estudando a cerâmica pintada da Tradição Tupiguarani: a coleção Itapiranga, Santa Catarina. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- DIAS, O. Considerações a respeito dos modelos de difusão da cerâmica Tupi-Guarani no Brasil. Revista de Arqueologia 8(2):113-132. 1995.
- FAUSTO, C. Fragmentos de história e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico. In: CUNHA, M. História dos Índios no Brasil. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. Os índios antes do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FADURPE. Relatório Técnico Final – Projeto Prospectivo e Salvamento Arqueológico na área da Refinaria do NE: Abreu e Lima, Ipojuca-PE. Recife: Faturpe, 2008.
- FERNANDES, Florestan. Organização social dos tupinambás. São Paulo: Ed UnB, 1989.
- FILHO, J. D. M. Aspectos geoambientais entre as praias do Paiva e Gaibu, município do Cabo de Santo Agostinho (Litoral Sul de Pernambuco). Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geociências/UFPE, 2004.
- FUNDAÇÃO SERIDÓ. Relatório Técnico Final – Projeto de Salvamento Arqueológico - GASALP (99 f). Recife: Fundação Seridó, 1999.

- FLECK, E. C. D. “Estados de Paz” e “Estados de Guerra” – Negociação e conflito na América portuguesa (séculos XVI e XVII). Revista PUC São Paulo, São Paulo, 2005.
- GÂNDAVO, P. de M. Tratado da terra do Brasil. 5. Ed; História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil. [1576]. 12 ed; Recife: FUNDAJ. Editora Massangana, 1995.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- JABOATÃO, Antônio Santa Maria de. Novo Orbe Seráfico Brasilico ou Crônica dos frades menores da província do Brasil (1761), Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1º vol. 2ª parte 1958.
- JECUPÉ, Kaká Werá. A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio; - 2. ed. - São Paulo: Peirópolis, 2020.
- HECKENBERGER, M. J.; NEVES, E. G.; PETERSEN, J. B. De onde surgem os modelos? As origens e expansões Tupi na Amazônia Central. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 41, n. 1, 1998.
- KLAMT, S. C. Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da tradição cerâmica Tupiguarani. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- LADEIRA, M. I. B. Os Tupi antes da colonização. Editora da Unicamp, São Paulo, 2012.
- LATHRAP, D. O Alto Amazonas. Lisboa: Verbo, 1975.
- LÉRY, J. de. Viagem à terra do Brasil.[1578]. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- LEROI-GOURHAN, A. Os caminhos da história antes da escrita. In: LE GOFF, J. & NORA, P. (Org.) História: Novos Problemas. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1995. p.89-98.
- Lima, M. C. A. Tradições cerâmicas do Nordeste brasileiro. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, 2006.
- LIMA, F. M. de. Padrão de Assentamento em Sítios Arqueológicos na Zona da Mata Norte de Alagoas e Sul de Pernambuco. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia/UFPE. Recife, 2006.
- Luna, F. J. Pré-história do Nordeste do Brasil. Editora Universitária, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1991.
- LUNA, S. C. A. As pesquisas arqueológicas sobre cerâmica no Nordeste do Brasil. Canindé (MAX/UFS), Sergipe, v. 8, p. 167-207, 2006.
- LUNA, Suely. O Sítio Sinal Verde – São Lourenço da Mata, PE. Uma aldeia pré-histórica na zona da mata pernambucana. Clio. Recife, Editora Universitária, n. 7. 1991. p. 89 – 142.

- LUNA, S. C. A. Sobre as origens da agricultura e da cerâmica pré-histórica no Brasil. *Clio – Série Arqueológica (UFPE)*, Recife, v. 1, n. 16, p. 67-78, 2003.
- LUNA, S. C. A; NASCIMENTO, Ana. Procedimentos para a análise da cerâmica arqueológica. *Clio – Série Arqueológica (UFPE)*, Recife, v. 1, n. 10, p. 07-19, 1994.
- LUNA, S. C. A; NASCIMENTO, Ana. Salvamento arqueológico na área da Refinaria do Nordeste, Ipojuca - PE, Brasil. *Clio – Série Arqueológica (UFPE)*, Recife, v. 24, n.1, 2009.
- MARTIUS, K. F. O estado de direito dos autóctones do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, v. 11, p. 20-82. 1. ed. 1832, 1907.
- MARTIN, G. Pré-história do nordeste do Brasil. 2. edição. Recife: Ed. UFPE, 1997.
- MELLATTI, Julio Cezar. Índios do Brasil. São Paulo: Edusp, 2007.
- MEDEIROS, Ricardo Pinto de. O descobrimento dos outros: povos indígenas do Sertão nordestino no período colonial. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História/UFPE. Recife. 2000.
- MÉTRAUX, A. Migrations historiques des Tupi-Guarani. *Journal de la Société des Américanistes*, , v.19, nº1, p.1-45, 1927.
- MÉTRAUX, A. A religião dos tupinambás e suas relações com as demais tribos tupi-guaranis. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
- MONTEIRO, J. M. As populações indígenas no litoral brasileiro no século XVI: transformações e resistência IN Brasil nas vésperas do mundo moderno. Portugal; Comissão Organizadora para as comemorações dos descobrimentos, 1992.
- MORAES, C. A. de. Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo da variabilidade artefactual. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- MEGGERS, B. J. América pré-histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.
- MEGGERS, B. J. CLIFFORD, E. A reconstituição da pré-história amazônica: algumas considerações teóricas. In *O Museu Goeldi no ano do sesquicentenário*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi (Museu Paraense Emílio Goeldi: publicações avulsas; 20), p. 51-69, 1973.
- MÉTRAUX, A. A religião dos tupinambás e suas relações com as demais tribos tupi-guaranis. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
- MÉTRAUX, A. La civilization matérielle des tribus Tupi-Guarani, Paris: Paul Geuthner, 1928.

- MILHEIRA, R. G. Território e estratégia de assentamento Guarani na planície sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste – RS. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- NASCIMENTO, Ana Lúcia do. Índios brasileiros do tronco tupi: informações etnográficas, séc. XVI. Monografia apresentada ao Curso de Graduação de História, Recife, 1983.
- NASCIMENTO, A. A Aldeia do Baião, Araripina-PE: um sítio pré-histórico cerâmico no sertão pernambucano. CLIO – Série Arqueológica. Recife, v.1, nº7, p.143-210, 1991.
- NASCIMENTO, Ana; ALVES, Cláudia; LUNA, Suely. A cerâmica pré-histórica no nordeste brasileiro. Clio. Recife: Editora Universitária, v. 1. N. 6. 1990. p. 103 – 112.
- NETO, Waldmir Maia Leite. Tecnologia lítica dos grupos ceramistas da Chapada do Araripe: Análise dos sítios arqueológicos do município de Araripina, Pernambuco, Brasil. Dissertação de Mestrado. Recife, 2008.
- NIMUENDAJÚ, C. Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes. Rio de Janeiro: IBGE, 1981 [1944].
- NÓBREGA, Manuel da. Cartas do Brasil. Belo Horizonte Itatiaia/São Paulo: Edusp, 1988.
- NOELLI, F. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. Revista de Antropologia, v.2. nº.39. p.7-53. 1996.
- PEREIRA, E. et. al. A tradição Tupiguarani na Amazônia In: PROUS, A.; LIMA, T. A. (Ed.). Os ceramistas Tupiguarani. Volume I – Sínteses Regionais. Belo Horizonte: Sigma, p.49-66, 2008.
- PEREIRA, D. L. T. Expansão dos Tupi-Guarani pelo território brasileiro: Correlação entre a família linguística e a tradição cerâmica. São Paulo: Revista Tópos, V. 3, Nº 1, p. 29 - 80, 2009.
- PRONAPA. Arqueologia brasileira em 1968. Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Publicações Avulsas. Belém, 1969.
- PROUS, A. Arqueologia brasileira. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.
- _____. O Brasil antes dos brasileiros. A pré-história do nosso país. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2006.
- RODRIGUES, A. D. Os povos indígenas e a formação do Brasil. Editora Vozes, 2006.
- RODRIGUES, A. D. Línguas brasileiras. São Paulo: Loyola, 1986.
- SALVADOR, Frei Vicente do História do Brasil - 1500 a 1627. São Paulo Melhoramentos, 1965.
- SANTOS, C. Rotas de Migração Tupiguarani. Análise das hipóteses. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia/UFPE. Recife, 1991.

- SANTOS, Milton. Técnica Espaço Tempo. Ed. Hucitec, São Paulo, 1996.
- SENA, Vivian Karla de. Caracterização do padrão de assentamento dos grupos ceramistas do semiárido pernambucano: um estudo de caso dos sítios arqueológicos de Araripina – PE. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia/UFPE. Recife, 2007.
- SOARES DE SOUZA, G. Tratado Descritivo do Brasil de 1587. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2001 [1587].
- SOUSA, E. S. O potencial interpretativo dos artefatos cerâmicos: a tradição Tupiguarani na Amazônia. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
- SILVA, F. S. Os Tupi-Guarani e suas tradições culturais. Editora da UFSC, 2010.
- SILVA, G. K. A. da. Índios e identidades: formas de inserção e sobrevivência na sociedade colonial (1535-1716). 2004 (144 f). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História/ UFPE Recife, 2004.
- SCATAMACCHIA, M. C. M. A Tradição Policrômica no Leste da América do Sul Evidenciada pela Ocupação Guarani e Tupinambá: Fontes Arqueológicas e Etno-Históricas. Tese de Doutorado, FFLCH, Universidade de São Paulo.1990.
- SCHIFFER, M.B. Formation Processes of the Archaeological Record. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.
- STADEN, Hans. Duas Viagens ao Brasil.[1557]. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- TENÓRIO, M. C. Agricultura e coleta de vegetais na pré-história brasileira. *In*: Ivan Alves Filho (Org.). História Pré-colonial do Brasil. Rio de Janeiro: Europa Editora, 1993.
- TORRES, Fernanda Soares de Miranda; PFALTZGRAFF, Pedro Augusto dos Santos. Geodiversidade do estado de Pernambuco. Recife: CPRM, 2014. 282 p.
- VAINFAS, Ronaldo (org.). Dicionário do Brasil Colonial, 1500 1808 Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

7 ANEXOS

Mapa de localização da área de pesquisa.



Fonte: Suely Luna; Ana Nascimento, 2007.